

PROGRESSO E QUALIDADE DE VIDA

PROGRESS AND QUALITY OF LIFE

“Coitado, é pobre. Só tem dinheiro.”

Hudson Hübner França*

A curiosidade é um atributo inerente ao homem. Movido pela curiosidade e açulado pela ambição de se tornar igual a Deus, o primeiro homem transgrediu a lei e comeu o fruto da árvore proibida. Em consequência, foi expulso da terra que habitava, terra tranquila e prazerosa, que se chamava Paraíso.

Desde então, com inventividade e um cérebro diferenciado, o homem domesticou o fogo que roubara do céu e, com ele, tornou seu alimento mais palatável e afugentou o frio das noites inverniais.

Ao longo do tempo, desenvolveu instrumentos para o trabalho e conforto, para a produção de alimentos, para sua defesa e, também, para a guerra.

Século após século foi desenvolvendo tecnologia e ciência até os dias atuais; tecnologia e ciência que ampliaram os horizontes do homem, multiplicaram suas habilidades e lhe deram condições para ter uma vida longa e saudável, vida de conforto, paz e felicidade.

Ao contrário do que se esperava, infelizmente, isto não aconteceu. A vida moderna não tem estas qualidades. O progresso - real e bem-vindo - não trouxe ao homem os benefícios esperados e possíveis. Isto porque o homem moderno não tem sabido usar, não tem aproveitado devidamente, as conquistas da ciência e da tecnologia. O progresso é admirável; seu uso é que não tem sido bom.

Em épocas passadas havia escassez de alimento, quase todo produzido pelo trabalho manual, com instrumentos rústicos. Havia fome e mortes por inanição. Hoje a produção é abundante, com máquinas sofisticadas e de grande eficiência. No entanto, doenças e mortes por sobrepeso e obesidade se transformaram em problemas universais.

A locomoção é rápida e confortável; porém, as mortes por acidente se equiparam, em número, às mortes por doenças cardiovasculares.

Nos últimos 50 anos, a descoberta e produção de drogas para combater a hipertensão foi fabulosa; entretanto, hoje, há mais hipertensos que há 50 anos.

A comunicação é instantânea: hoje se fala e se vê “on-line” o que acontece no outro lado do mundo. Não é raro, porém, numa casa, cada membro da família ter sua televisão e computador no próprio quarto, cada um isolado do resto da família, dentro do mesmo lar.

O médico psicoterapeuta Sérgio Hübner falou certa vez: “o mundo está ficando cada vez mais perto e as pessoas cada vez mais distantes”.

O homem aprendeu muito bem a ciência das coisas, mas está atrasado no conhecimento de si próprio e do relacionamento entre os seres. A ordem e o ritmo que impôs à sua vida não são os mesmos, próprios, da natureza e da sua biologia.

Há uma agitação constante, mudanças rápidas demais. O homem criou um mundo em que as coisas se transformam de maneira muito acelerada, em que nada é duradouro, em que tudo é transitório. Hoje, o homem vive na era da impermanência.

Criou um mundo incoerente em que, a par de uma

explícita aspiração de paz se encontra o absurdo gasto militar; em que os remédios mais usados são tranquilizantes, anti-hipertensivos, drogas para as coronárias, remédios que se usam, ironicamente, para tratar doenças produzidas, em grande parte, pela própria civilização e vida moderna.

No século 17, René Descartes definiu o homem como ser sômato-psíquico, corpo e alma. Antes dele, porém, no século 12, um doutor da Igreja foi mais explícito: o homem é um ser sômato-psico-pneumático.

O adjetivo pneumático vem do grego *pneuma*, que significa espírito, alma, lugar onde moram e de onde emanam os sentimentos e emoções.

Estes três estratos da pessoa humana - soma, inteligência e emoção -, obrigatoriamente, devem ser cuidados, alimentados, de forma harmônica, para que o homem possa ter o equilíbrio necessário à saúde e à felicidade.

O homem moderno desenvolveu e utiliza muito sua inteligência, mas tem descuidado, ou usado mal, seu espírito, sua esfera afetiva. Isto tem gerado intranquilidade, mal-estar, doenças, má qualidade de vida.

A vida moderna tem causado doenças: é aterogênica, leva à hipertensão, depressão nervosa e neuroses diversas.

Em algumas civilizações antigas, o coração era usado, algumas vezes, como oferenda aos deuses, visando receber benefícios: boas colheitas, dinheiro, vitórias. Hoje, o homem moderno, com frequência, repete este antigo ritual.

Para obter sucesso econômico-social oferece seu próprio coração em sacrifício aos novos deuses que agora se chamam *Status*, Dinheiro, Poder. Os seguidores deste culto ostentam no próprio corpo estigmas de sua devoção: uma pequena cicatriz na prega do cotovelo, através da qual os novos sacerdotes desvendam os segredos que se aninham no coração do homem e exorcizam os demônios que dele se apossaram; além disso, com frequência, fixam pequenos tubos metálicos, como estelas votivas, ao longo desta estrada sagrada que se chama artéria coronária. Outros, que mais se aprofundaram neste culto, exibem grandes cicatrizes que lhes tomam toda a altura do peito, cicatriz feita de acordo com uma liturgia altamente elaborada, num altar imensamente asséptico.

O homem cresceu muito e se afastou de suas raízes. Isto não é bom. O substantivo “homem” e seu adjetivo “humano”, etimologicamente, se derivam de *humus*, o latim para terra.

No catecismo nos ensinaram que a palavra Religião significa re-ligar. Com o pecado original o homem se separou de Deus; a religião tem o poder de ligá-lo outra vez. No entanto, há outra interpretação para o termo Religião. Segundo a Antropologia, o prefixo “re” não significaria “outra vez”, mas, sim, “aquilo que veio antes, aquilo que precedeu”.

Assim, o homem está ligado a seus pais, a seus avós, a todos os seus antepassados; aos hominídeos e a tudo na natureza, orgânico ou não, que participou de sua evolução.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 12, n. 2, p. 34-35, 2010

* Professor do Depto. de Medicina - FCMS/PUC-SP

Recebido em 10/5/2010. Aceito para publicação em 14/5/2010.

Contato: rfcmscmb@puccsp.br

Nesta concepção, o homem está ligado a toda a natureza, faz parte de um todo maior com o qual interage necessariamente, de maneira vital, como um órgão faz parte do corpo, sem que possa existir por si só, isoladamente. Neste contexto, a conclusão é que não basta, somente, viver; mais importante que viver é conviver.

Ortega y Gasset, filósofo espanhol, descreveu a si e ao homem em geral quando disse: “Yo soy yo y mi circunstancia”.

O homem não existe por si só. Pertence, está inserido num todo maior, a tudo que o cerca, ao absoluto. Note-se que em algumas religiões o termo Absoluto é uma das denominações de Deus.

Alguns homens, por sua ambição desmedida, obstinação invencível, e outras características pessoais, conseguem acumular riqueza, poder, honrarias incalculáveis e se situar muito acima dos membros da sociedade em que vivem. São pessoas que se destacam do meio sócio-econômico atingindo posição elevadíssima, atingem o apogeu. No entanto, não percebem que apogeu - a palavra apogeu - significa o ponto mais afastado, mais distante, mais isolado da terra e do convívio dos homens.

O que o progresso nos trouxe de bom, de bens, é grandioso. Seria mesmo capaz de proporcionar ao homem uma vida tranquila e de felicidade. Porém, o homem não tem sabido aproveitar devidamente o que este progresso lhe trouxe.

Julio Cortazar, em seu romance “O jogo da amarelinha”, vê semelhança entre esta brincadeira infantil e a vida do homem em seu jogo na sociedade moderna.

No “O jogo da amarelinha” são os participantes que estabelecem as regras: fazem as riscas no chão, escolhem a malha a ser jogada, determinam o modo de caminhar, de progredir, a fim de alcançar o céu, o prêmio ao vencedor.

Na sociedade, também, são os próprios homens que criam as regras para se jogar, vencer na vida, e conquistar o tão cobiçado prêmio: saúde, paz, felicidade.

No entanto, fazem as regras tão complicadas, com tantos obstáculos, tão desgastantes, de tal modo que, mesmo que se

consiga vencer, o homem chegará ao fim do jogo tão cansado, estressado, desiludido, que não terá condições de usufruir, de gozar o prêmio conquistado com tanto esforço.

Abraão Lincoln expressou muito bem esta situação quando falou a respeito da bebida alcoólica: “o problema com o álcool não é que estamos usando uma coisa ruim, mas, sim, que estamos usando mal uma coisa boa”.

Estudos sócio-econômicos mostraram que uma das vertentes da felicidade é o dinheiro. Sem um mínimo de ganho é difícil ser feliz. Mas, este ganho mínimo necessário é acessível a todos os que têm uma profissão e que trabalham. Estes estudos mostraram, ainda, que se você ganha mais que o mínimo necessário - pouco mais, muito mais, muitíssimo mais -, este ganho excedente não aumenta, em nada, seu grau de felicidade.

Mais ainda: se você é rico e consumista, gosta de comprar, à medida que você mais adquire coisas, mais aumenta o consumo, o prazer pessoal advindo do consumo diminui. A isto se chamou “prazer marginal decrescente”.

Esta observação contraria a ordem da sociedade consumista em que vivemos e que diz: “compre e seja feliz”.

O homem bancou o aprendiz de feiticeiro e liberou forças que não mais consegue controlar.

Seria bom se o homem modificasse um pouco esta estrada maravilhosa de progresso que construiu.

Seria bom se esta estrada magnífica tivesse, de espaço a espaço, saídas laterais que conduzissem a estradas secundárias menos turbulentas, em que se pudesse viajar com menos pressa, em condições de apreciar a beleza da paisagem que a vida nos oferece. Saídas laterais que conduzissem a áreas seguras e tranquilas, onde se pudesse desfrutar os prazeres simples da cordialidade, da generosidade, do companheirismo e da amizade; onde se pudesse alimentar sonhos e viver em sua plenitude a capacidade de amar. Saídas que permitissem um retorno. Retorno a uma vida mais simples e calma. Saídas que possibilitassem ao homem um retorno, um retorno às coisas do seu coração.

